



AS MULHERES BRASILEIRAS NOS RELATOS DOS VIAJANTES PORTUGUESES: ÓSCAR LEAL

Maria Fernanda de Abreu

No mais conhecido, citado e estudado relato de um cronista português sobre as gentes do Brasil – precisamente o do primeiro contacto dos navegantes portugueses com os habitantes daquelas “novas” terras – Pero Vaz de Caminha, o seu autor, traça um retrato das mulheres brasileiras que, numa análise recente (de Isabel Allegro de Magalhães), é considerado ser feito “com uma pureza e uma sensibilidade raras”.¹

No Museu de Arte de São Paulo esteve patente, nos finais de 1994, uma exposição que, sob o título, “O Brasil dos Viajantes” mostrava um rico acervo iconográfico produzido por viajantes estrangeiros: holandeses, ingleses, alemães, franceses... Escassos eram, no entanto, os testemunhos portugueses.

Desde aquela longínqua “Carta a el-rei Dom Manuel,” de 1500, e nos séculos seguintes, que viajantes portugueses, por meio da palavra escrita ou da representação iconográfica, deram conta do seu olhar sobre as terras brasileiras? Que viram eles nessas terras?

Como responsável pela participação portuguesa no projecto “Micaela Bastidas” (projecto que reúne onze universidades de Europa e de América Latina, Programa Alfa, no estudo da situação da mulher na América Latina²), decidi recortar este conjunto de perguntas e enfocá-las de acordo com o projecto da participação portuguesa, isto é, o estudo da representação das mulheres brasileiras em textos portugueses. Assim:

- Que lugar ocupam as mulheres brasileiras em relatos de viajantes portugueses pelas terras do Brasil?
- Como são escritas, contadas, traçadas? Com que olhar? De que lugares?

Há um ano, em Santiago de Cuba, no âmbito do mesmo Programa, dei conta do retrato de uma brasileira que encontramos num romance do português Carlos Malheiro Dias, publicado em 1896, um retrato chocantemente negativo, fruto de um olhar racista e machista, condicionado por teorias médicas que defendem a sexualidade histórica da mulher mulata e vazado na linguagem extreme da narrativa naturalista: *A Mulata*.

A investigação desenvolvida a partir de então permite-me, agora, dar conta da obra de um outro autor português que, na mesma década de finais do século XIX, viajou pelas terras do Brasil e publicou as impressões das suas viagens. Trata-se de Óscar Leal, personalidade hoje completamente esquecida mas que as Enciclopédias registam, que nasceu no Funchal e viveu parte da infância no Rio de Janeiro, se formou em cirurgia dentária em Lisboa e Madrid, viajou pela Europa, América do Sul e África, frequentou os centros culturais da época, como Paris, foi sócio correspondente de várias instituições científicas de diversos países e deixou uma obra volumosa que consta essencialmente de livros de viagens e de narrativa de ficção, publicada ao longo dos anos 80 e 90 e na viragem do século.

Desta, debruçar-me-ei particularmente sobre os três livros de Viagens que realizou pelo interior do Brasil, dando particular atenção ao que interessa directamente ao nosso projecto, isto é, à representação das mulheres brasileiras nesses três livros. São eles: *Viagem ao Centro do Brasil (Impressões)*, *Viagem às Terras Goyanas (Brasil Central)* e *Viagem a um País de Selvagens*, publicados em Lisboa, respectivamente em 1886, 1892 e 1895.

Auto-designado naturalista, nas suas viagens pelo Brasil Óscar Leal preocupa-se em descrever as paisagens que vai conhecendo, particularmente atento ao mundo vegetal, à flora que trata de caracterizar e à topografia das terras que vai atravessando. Proporciona elementos sobre a população, os seus modos de vida e meios de subsistência, a produção agrícola, o que come e bebe, e como se diverte. Ou, como esclarece um amigo francês que o acompanha em determinado momento:

– *Cá o senhorre – dizia ele – estude la natureze des minerales, e é mineraliste, conhece la botanique e faz la nomenclature des vegetales. É portanto, além de naturaliste, zoologiste, mineraliste, paisagiste, e mesmo até, chronista, jornalista, articulista, retratista, dentista e pomadista.*³

Além disso, republicano, anti-escravagista, abolicionista e anti-clerical, presta particular atenção em cada uma das terras que vai conhecendo à presença ou não de bibliotecas, de escolas, de teatros e à influência da igreja na educação dos rapazes e das raparigas. Finalmente, a sua vocação de narrador que exercitou em livros de ficção, não perde a oportunidade de, no decurso das viagens e do apontamento das mesmas, inserir episódios que terá protagonizado, através de relatos sempre apoiados em vivos diálogos. Sem descurar o humor. A atenção à linguagem das populações com particular relevo para as vozes não portuguesas constitui ainda outro dos aspectos interessantes das impressões deste viajante.

No que respeita à representação das mulheres propriamente ditas, cabe desde já assinalar a multiplicidade e diversidade de tipos que nos oferecem os livros de Óscar Leal. São mulheres que encontra ao largo das suas deambulações, desde uma jovem de Campinas, que conhece no comboio ao dirigir-se de Campinas a Goiás, republicana, feminista e anti-clerical até Aygara, a índia apinagé que encontra nas margens do rio Tocantins.

1.

A capa do seu primeiro livro, *Viagem ao Centro do Brasil (Impressões)*, mostra já dois tipos de mulheres: a branca, europeia, e a índia. Mas as que primeiro serão objecto das suas reflexões de viajante são as escravas. Saindo de São Paulo, Óscar Leal interna-se pelo Estado, passando depois a Minas e Goiás para regressar ao ponto de partida e daí ao Rio de Janeiro. Perto de Franca, no extremo do Estado de São Paulo, pernoita numa fazenda onde, de madrugada, assiste à revista dos escravos antes destes seguirem para o trabalho. E “a boa ordem e o bom trato” que estes recebem por parte do senhor, facto que considera “raríssimo”, levam-no a pedir permissão ao leitor para fazer um desvio e denunciar as atrocidades que, em geral, se cometiam naquela “horrenda instituição.”

A história da escravatura no Brasil ou antes nas províncias do sul é o maior vexame ou a maior mancha que encerra este país perante o século XIX.

Não há escritor por mais atilado e repleto de sangue frio que se não deixe esmorecer ou deponha a pena toda a vez que se vê obrigado a dissertar sobre tal assunto.⁴

E conta então o que diz ter observado em fazendas da província do Rio. Entre os maus tratos que relata, aos quais obviamente não são poupados os homens, destaca os que são infligidos às mulheres, em particular às

escravas que têm filhos dos senhores: “amásias e escravas” que chegam a ser torturadas, mutiladas e sepultadas vivas. Óscar Leal acaba exortando ao fim da escravatura e esperando “que dentro em poucos anos desapareça essa vil instituição.”⁵

Esta viagem tem lugar entre os últimos meses de 1884 e os primeiros de 1885 e, efectivamente, a escravatura será abolida em 13 de Maio de 1888. Tendo em conta, ademais, as palavras do escritor atrás citadas, não parece tratar-se de um acaso de viagem esta prioridade dada no seu percurso discursivo às mulheres vítimas da escravatura.

Já em terras mineiras, em Paracatú, Óscar Leal, a partir da constatação de uma característica arquitetónica das casas da vila, debruça-se sobre o que veremos ser outra das suas preocupações prioritárias, própria, afinal, de um positivista de fim de século: a educação das mulheres. Assim, observa: “As janelas de muitas casas têm rótulas ou portas de pequenas frestas, usadas no século passado nos conventos de jesuítas para astutos fins.” E comenta, então:

Sistema estúpido de educar uma rapariga futura mãe de família, afastando-a dos olhares curiosos e das regalias da vida de solteira, quando pelo contrário ela deve ir conhecendo tudo para mais tarde formar um juízo.

Mesquinhos preconceitos de uma classe estulta que se erguem para sombra de todos os males.

*Em Paracatú, mulher alguma sai à rua para ir escolher fazendas nas lojas, tudo lhes vai a casa.*⁶

Aliás, diz-nos ele, também “os rapazes passam uma vida muito reconcentrada. Não há divertimentos, não existe um gabinete de leitura, e são raras as reuniões.”

Ainda em Paracatú, o viajante faz-nos conhecer outro tipo de mulher – o da jovem apaixonada – pelo nosso viajante – que manda um amigo visitá-lo para lhe falar dela e convidá-lo a ir visitá-la a sua casa. Respondendo positivamente ao apelo, “*pro virite parte*,” o forasteiro percebe, então, que se trata de um encontro sexual que a jovem põe rapidamente em acção e que o lugar que ele está a ocupar vai rapidamente ser ocupado por outro convidado.

Prostitutas serão também, em sua opinião, as mulheres que o viajante vai encontrar tempos depois na Formosa, uma terra a que tinha desejado chegar por ser conhecida como “a terra das raparigas bonitas.” Chegado ali, constata que “nesses sítios há apenas gente de côr, pois que o branco não resiste a tantos e tão dolorosos sofrimentos, provocados por fétidas exalações, e um sol abrasador.” E apresenta outro grupo de mulheres,

que, sem dúvida, mereceria, a partir do que nos conta ele, um mais arguto enfoque do ponto de vista da realidade sócio-económica:

Nesta cidade como tive ocasião de conhecer, há raparigas que apenas mocinhas de 12 ou 14 primaveras, abandonam a casa paterna, acompanhando hábeis sedutores, que as largam logo sem pena nem dó no mundo equívoco.

É esta a maior glória que aspiram, para mais tarde poderem dizer que as suas honras ficaram com fulano ou sicrano, moço rico e de posição, cometa, negociante ou inverneiro, dono de tantos lotes de burros ou de tantas cabeças de gado! Detestam o casamento e muitas daquelas que chegam a casar, gaitam copé-ctyos maridos, trocando-os por amantes ou mesmo pela vida alegre o mesmo que nas grandes cidades.

São de um génio terrível, e desgraçado daquele, que cai nas unhas dessas imomibykipiras.

A prostituição manifesta-se de um modo espantoso.⁷

(No glossário que apõe ao livro, o autor traduz a palavra *imomibykira* por prostituta.)

Finalmente, o último tipo de mulheres registadas por Óscar Leal neste seu primeiro livro de viagens pelo Brasil são as ciganas que formam parte do grupo de cinquenta ciganos que, quase no fim do seu percurso, encontra em Pitangueiras, acampados “numa pequena vargem fora da povoação,” admirado aliás de, como informa, ser já a sétima vez que nas suas viagens encontra “essa raça nómada.” Caracterizando os homens e as mulheres do grupo, admira-se do modo como a companheira do capitão chefe da companhia está “deitada numa rede com as pernas à mostra, sem lhe dar cuidado quem se aproximava.” Começa por atentar na extrema magreza das pernas da cigana: “uns fusos comparados com aquelas pernas pareceriam obesos” e acaba por traçar-lhe um retrato que a individualiza de forma radical em relação a todas as restantes mulheres que encontraremos nos seus livros:

O todo era encimado por um rosto anguloso em cujo centro dominava como um mastro de barco, o mais comprido e o mais agudo nariz que jamais se viu fincado em feição humana. Dois olhos oblíquos de cor indecisa, jaziam no alto daquele estranho apêndice. Junte-se a isto os modos de uma mulher entregue ao mundo sem lhe dar cuidado o que vai nem o que vem, sem luxo e ambição, e e-la retratada d’après nature.⁸

Sobre a divisão de tarefas no grupo informa que “as mulheres cosiam, cozinhavam e embalavam os filhos;” “Os homens, uns trabalhavam em pequenos misteres, dois ferravam um burro e um cantava acompanhado pela viola de uma rapariga” e, por fim, regista que “esta companhia tinha escravos para o serviço de cozinha.”

2.

Viagem às Terras Goyanas (Brasil Central) — No seu segundo livro de viagens pelo centro do Brasil, publicado em Lisboa em 1892, (Óscar Leal tem, então, trinta anos) relata a viagem que, em 1889, realizou de São Paulo ao estado de Goiás, consciente de, pela segunda vez, se empenhar “em tornar conhecida uma região sobre a qual até hoje, pouco ou nada se tem dito”. Goiás – escreve ele – “é um estado do Brasil para o qual devem desde já convergir todos os olhares e múltiplas são as causas que para isso concorrem. As riquezas naturais que possui, a uberdade de uma grande parte do seu solo e sobretudo o seu ameno clima.”

Da representação, pouco frequente, das mulheres neste livro destaco dois momentos: o já referido encontro com a jovem republicana, feminista e anti-clerical, logo no início e, mais tarde, o discurso do próprio autor sobre a educação das mulheres ampliando aqui um assunto que, claramente, o preocupa e que já tinha aflorado no seu primeiro livro.

No comboio, ao embarcar em Campinas, o viajante encontra “algumas jovens campineiras sadias e boas” que fogem à peste que assola a povoação. Uma delas pergunta-lhe se é republicano e, perante a resposta afirmativa dele, continua assim o diálogo:

— *Bravo, está comigo. As suas ideias casam-se perfeitamente com as minhas neste ponto, porém, eu vou mais longe, meu caro senhor, quero não só ver completar-se pela promulgação da república a independência da pátria, como também quero a independência do meu sexo. Sigo a doutrina de Madame de Stael.*

— *Folgo em sabê-lo.*

— *Tenho combatido e hei-de combater até que reconheçam os nossos direitos. Os senhores homens são uns volúveis, uns tímidos, e se nós, as mulheres, os não encaminharmos, muitas vezes seremos desencaminhadas. Para que tal não aconteça é necessário que a mulher receba luzes fora dos centros religiosos e cheire menos os cantos de sacristia; assim poderá colaborar na grande obra, que não será de uma mas de todas. Não sou daquelas que se deixam empolgar pelo devaneio nos primeiros anos, umas por preguiça, outras por fraqueza*

*e medo de acção. É difícil fazer tudo bem, e é tão fácil não fazer nada!*⁹

Quanto às aspirações republicanas desta jovem brasileira, cabe precisar que o diálogo tem lugar em Março de 1889 e que só uns meses depois, em Novembro, as suas aspirações se verão concretizadas, com a promulgação em Novembro da República no Brasil. Mais curioso é que a sua consciência da necessidade da independência da mulher lhe seja inspirada, como diz, por Madame de Stael. Finalmente, a apologia de uma educação laica para as mulheres, que aqui ouvimos na boca dela, é, noutros momentos das suas diferentes viagens, insinuada pelo próprio autor.

Ao chegar a Perinópolis, a ausência de convívio entre rapazes e raparigas leva o viajante a considerá-la uma sociedade hiponcondríaca e nevrótica. Segundo ele, os rapazes “chegam por acanhamento a fugir das raparigas, as quais vivem ocultas o mais possível.” Nesse sentido, observa ele, “as jovens passam o tempo melhor que os rapazes, porque ocupam-se em indústrias caseiras,” mas, insiste, “raramente aparecem e vivem ocultas em seus penates.”

Esta situação leva o nosso viajante a tecer uma longa diatribe contra as formas de educação que mantém as raparigas “de portas a dentro, como freira,” considerando que a mulher “que evita a sociedade e foge da boa convivência, caminha para o entorpecimento, não é uma senhora, é uma cousa qualquer, não será uma esposa, será apenas a mulher propriamente dita, uma massa glutinosa sem consistência, um corpo sem movimentos, um espírito sem espírito.” Defende, pois, e nesse sentido exorta os pais, a que eduquem as suas filhas em contacto com o mundo exterior, na convivência, habituando-se “a lançar a vista sobre o bom e o mau,” no desenvolvimento intelectual, na aquisição de experiência de vida, enfim, porque só, escreve ele:

*ilustrando-se e desenvolvendo-se, de dia para dia, chegada a hora em que se avizinha do precipício, [uma rapariga] terá forças, saber, e conhecimento para evitá-lo, porque o cultivo da inteligência e a prática da vida, fazem-na poder distinguir o visível do aparente. Outro tanto não sucede à menina tola, inexperiente, sem rudimentos de convivência.*¹⁰

O autor está convencido de estar a propor uma via a que se opõem os preconceitos da maioria dos pais, reconhecendo, no entanto, que alguns encetaram já esse caminho.

3.

No seu livro seguinte, *Viagem a um País de Selvagens*, onde relata uma nova viagem pelo Brasil, voltará a insistir no tema, reportando nada menos que a conferência que proferiu numa das povoações que visitou, na inauguração de um gabinete literário e que intitulou *A educação da mulher a par da mais pura religião*.

Do resumo que nos faz não chegamos a perceber de que religião se trata, mas dele cabe destacar algumas ideias. Assim, o autor considera:

1. que a educação da mulher é um assunto para o qual “devem convergir as vistas de todos os bons patriotas;”

2. “que, com raras exceções, a mulher no Brasil recebe uma educação rudimentar e quase sempre demais limitada;”

3. que a realização das “vastas aspirações” a que a sua inteligência lhes dá direito se vê estorvada “pelos estultos preconceitos que ainda predominam nos nossos meios hipócritas.”

4. Por fim, o autor acaba por denunciar os efeitos perniciosos das leituras românticas na educação das raparigas, tópico que, como bem sabemos, o romance realista brilhantemente desenvolveu em várias literaturas.

Estas foram, como sabemos, ideias típicas dos intelectuais republicanos, positivistas e anti-clericais do fim do século XIX sobre a educação das mulheres. E, como vimos, ao longo dos seus três livros de viagens pelo Brasil, Óscar Leal mostrou que o assunto formava parte das suas preocupações e que a observação das mulheres que ia encontrando nas terras que visitava lhe eram pretexto para uma exposição, mais ou menos articulada, das críticas e das propostas que a matéria lhe merecia.

Fica-nos o seu testemunho, o das ideias sobre a educação das mulheres, mas também, não o esqueçamos, o de alguns retratos de mulheres. E nem sempre nos será possível conjugar o olhar a partir do qual traça estes retratos com as propostas que naquele campo lhe ouvimos.

Neste contexto, e para terminar, mais curioso ainda é o facto de na narrativa de *Viagem a um País de Selvagens*, o escritor ter inserido um longo episódio de um encontro, que ele próprio protagoniza, com Aygara, a filha do cacique apinagé, que lhe é destinada pelo pai índio, durante os dias em que o viajante se vê obrigado a uma paragem forçada quando navega ao longo do rio Tocantins. A representação de Aygara e das companheiras índias, dos seus costumes amorosos, o cenário “selvagem”, o próprio título do livro (e até a capa), mostram-nos, afinal, os gestos nostálgicos de um olhar que o romantismo tinha criado e que ainda estava na memória de muitos homens... Mesmo se republicanos, positivistas e naturalistas.

Notas

- ¹ “A boa selvagem n’A Carta de Pero Vaz de Caminha: um olhar europeu, masculino de quinhentos.” *O Rosto Feminino da Expansão Portuguesa*. (Actas do Congresso Internacional, 21-25 de Novembro de 1994.) Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1995: pp.523-529.
- ² Ver o volume I produzido pelo projecto: *Mujer, cultura y sociedad en América Latina*. Red Tupac-Amaru-Programa Micaela Bastidas. Francia, Université de Pau et des Pays de l’Adour, 1998.
- ³ *Viagem ao Centro do Brasil*, p.51.
- ⁴ O.C.: p. 55
- ⁵ O.C.: pp. 55-58.s
- ⁶ O.C.: p. 84
- ⁷ O.C.: pp.102-103
- ⁸ O.C.:pp.157-158.
- ⁹ *Viagem às Terras Goianas*, pp.2-3.
- ¹⁰ O.C.: pp.77-79.